

ARTE, EDUCAÇÃO E COMUNIDADE

Fabiano Assis da Silva

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal

Renata Flaiban Zanete

Centro de Estudos Humanísticos, Escola de Letras Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, Portugal

Sumaya Mattar

Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

O poeta Farid Matuk encerra a entrevista concedida a Amanda Amaral (2025) afirmando: “é tarde demais na cansada história do eu Ocidental para fingir que simplesmente sentamos e escrevemos poemas” (p. 10). No seu depoimento e com essa ideia, aponta para a imbricação entre arte e política, história e memória, identidades e ativismos. Ainda que ações artísticas e educativas ocorram na esfera local, estão sempre conectadas a dinâmicas globais: uma influencia e é simultaneamente afetada pela outra.

O número temático “Arte, Educação e Comunidade” nasce da compreensão de que a arte, quando integrada em processos educativos formais e não formais, pode fortalecer laços, renovar o sentido de pertencimento e iluminar modos mais generosos de viver e aprender juntos. Essas experiências atravessam questões urgentes do mundo contemporâneo — desigualdades persistentes, deslocamentos forçados, tensões culturais, apagamentos históricos e múltiplas vulnerabilidades — e fazem da arte um espaço de confluência, no qual a imaginação atua como força ética e política, ampliando possibilidades de ação e criando futuros possíveis. A chamada para este número temático adotou a perspectiva de uma educação humanista, crítica e emancipatória, em contraste com lógicas competitivas, tecnicistas e baseadas exclusivamente em métricas de desempenho.

Nos artigos publicados, emergem temas recorrentes, provenientes de distintos contextos e espaços geopolíticos: a preservação da memória coletiva e social (Bosi, 1994/1987, 2003; Halbwachs, 1950/2006); a necessidade de ressignificar lugares pela sua importância histórica; e a busca de vozes, corpos e linguagens por espaço e representatividade. Referenciais epistemológicos do Sul Global dialogam com problemas concretos e estudos de caso que propõem repensar currículos, integrar saberes e territórios e valorizar o protagonismo das identidades locais nas comunidades em que se inserem. As contribuições recebidas abordam ainda os conceitos de centro e periferia, os modos de ocupação das cidades, ações de resistência, a participação das mulheres na construção da sociedade, identidades migrantes e propostas para uma educação decolonial.

Vivemos um tempo de crises sobrepostas, que atravessam todas as dimensões da vida. Tensões sociais se aprofundam em razão de desigualdades geradas por processos históricos de colonialismo e opressão (Bauman, 2000/2001; Bourdieu, 1982/2021; Butler, 2004/2019; Davis, 1981/2016; Fanon, 1967/2015, 1952/2017; Foucault, 1975/1999;

Gonzalez, 1988; Lipovetsky & Serroy, 2010; Maffesoli, 1996/2010; Mbembe, 2011; Souza, 2021). Conflitos ambientais revelam as relações entre humanidade e natureza, economia capitalista e sustentabilidade da vida na Terra (Castro & Danowski, 2014/2023; Haraway, 2016; Krenak, 2020; Latour, 2014). Tecnologias recentes transformam subjetividades e dinâmicas sociais (Martins, 2011), levantando questões éticas sobre seus usos e implicações (Castells, 1999/2011; Stiegler, 2004/2018). A tudo isso somam-se disputas culturais, revisões históricas e inquietações em torno das alteridades e das migrações (Bhabha, 1994; Hall, 2000, 2003; Mignolo, 2019; Quijano, 2005; Spivak, 2009/2010; Williams, 1987/2015; Xakriabá, 2020). Este panorama desigual repercute nos espaços educativos, onde muitas vezes prevalecem lógicas que comprimem a experiência humana e fragilizam a convivência, a criatividade, a autonomia e o cuidado (Boal, 2009; Freire, 1968/2019, 1992/2020; hooks, 1994/2013, 2003/2021; Maffesoli, 1979/1984). Nesse cenário incerto, a arte se apresenta como espaço de respiração e reinvenção, capaz de devolver alegria e esperança ao cotidiano, criar pontes entre pessoas e territórios, ampliar o olhar e sustentar gestos de escuta, liberdade e solidariedade (A. Sousa, 2003; Spolin, 1963/2010; Williams, 1980/2011).

Os textos reunidos neste volume dialogam com essas questões que hoje estruturam debates essenciais nas artes e na educação (Comissão Executiva do Plano Nacional das Artes, 2019). Abordam perspectivas decoloniais (Walsh, 2009) e contra-coloniais (Bispo dos Santos, 2018), discussões sobre identidades e interseccionalidades (Crenshaw, 1989), práticas artísticas comunitárias e colaborativas (Cruz, 2021), além de experiências com artes visuais, cinema, realidade virtual e teatro como modos de investigação e ação educativa. Enfatizam os desafios do ensino de arte nos territórios escolares (Ryngaert, 1977/1981; J. Sousa, 2012), as práticas criativas e participativas em espaços não formais, as relações inter e multiculturais e os ativismos artísticos e pedagógicos voltados à emancipação. Esses eixos evidenciam a multiplicidade de abordagens contemporâneas em arte e educação e a riqueza de experiências que emergem quando a criação é vivida como gesto compartilhado.

A seguir, apresentamos os artigos temáticos que compõem este número, cada um trazendo sua própria delicadeza, sua urgência e seu modo singular de pensar as relações entre arte, educação e comunidade.

Cátia Cardoso refletiu sobre o conceito de literacia artística participativa, a partir de uma leitura sobre as políticas para a arte no sistema educativo e cultural português. A autora debruçou-se também sobre as práticas culturais dos portugueses a partir de um inquérito publicado em 2020. Cardoso defende o papel crucial da escola enquanto instituição promotora do encontro das pessoas com a arte e a cultura, o conceito de democracia cultural e a importância do Plano Nacional das Artes, desenvolvido em conjunto pelos Ministérios da Cultura e da Educação, desde 2019.

Karine Joulie Martins, Luciano Dantas Bugarin e Adriana Mabel Fresquet contribuíram com um artigo que problematiza o colonialismo no cinema e na realidade virtual, perpetuando desigualdades. O trabalho dos autores aponta para práticas pedagógicas nas quais a produção e a fruição de imagens em movimento favorecem a expressão das alteridades, a integração social e cultural. A representatividade expressa pela presença

de diferentes etnias e cor de pele nas imagens em movimento e a imersão possibilitada por aparatos virtuais acessíveis levam à criação do sentido de comunidade.

Os entrelaçamentos entre ancestralidade, histórias de vida, o ser professora de artes e a aprendizagem com mestres e mestras de fazeres do barro e da costura foram contemplados nos artigos escritos por Mariana de Araujo Alves da Silva e Priscila Akimi Hayashi. Silva, numa escrita ensaística, apresentou interações e aprendizados desenvolvidos com comunidades de várias partes do Brasil, que permitem aos leitores estabelecer conexões entre diferentes geografias, unidas pela mão no barro. Hayashi, por sua vez, debruçou-se sobre o arquivo de família e a proximidade com sua avó, no ambiente da casa. Ao mesmo tempo que olha para dentro, para suas raízes, desenvolve também um olhar mais alargado para a imigração japonesa no Brasil, desde finais do século XIX, revelando as dificuldades e os laços que foram se criando entre brasileiros e japoneses.

Questões como as práticas hospitalares, as relações médico-paciente e a formação dos estudantes de medicina sob o olhar crítico do teatro foram trabalhadas pelas atrizes, professoras e investigadoras Nádia Hellmeister Morali Barreira e Letícia Rodrigues Frutuoso. A metodologia desenvolvida pelas autoras está embasada em práticas pedagógicas reflexivas que se valem do autoconhecimento e da desmecanização para o desenvolvimento da empatia e de uma medicina mais humanizada.

Há um conjunto de quatro artigos que colocaram em destaque os coletivos em ação, em busca de intervenção crítica e ativa nos espaços circundantes ou habitados pelas comunidades.

Marcio Santos Lima e Makson Silva Alves desafiaram um grupo de estudantes do curso de arquitetura da Universidade de Sergipe, na região Nordeste do Brasil, a uma ocupação artística e sensível, através da pintura de um mural, com equipamentos, materiais e técnicas que propiciaram a criação de um sentido de grupo entre os participantes.

De Florianópolis, Santa Catarina, região Sul do Brasil, Luiza Melo e Tharciana Goulart da Silva articularam as memórias da comunidade do Monte Serrat, em torno das mulheres que têm assumido um papel de liderança, através do tempo. A Marista Escola Social Lúcia May vorne e a Escola de Samba Embaixada Copa Lord vêm mobilizando o sentido de pertencimento da comunidade por meio de ações pedagógicas e artísticas. Num breve panorama histórico, Melo e Silva retomam o trabalho das lavadeiras que desciam até à capital para pegar a roupa suja das elites que era lavada no morro. O projeto *Mama África* permitiu aos jovens alunos e alunas reconhecerem suas origens e valorizá-las, com afeto, em suas produções artísticas, além de promover a interdisciplinaridade no contexto escolar.

Do bairro de Perus, zona noroeste da periferia de São Paulo, Adriano Pinheiro e Márcia Aparecida Gobbi apresentaram uma escola pública e seu entorno, com especial destaque para a icônica Fábrica de Cimento Portland. Hoje desativada, a fábrica evoca a luta operária por direitos, em épocas passadas, permanecendo como memória viva de luta e resistência características do bairro. Pinheiro e Gobbi destacaram uma série de ações e projetos desenvolvidos por coletivos artísticos, na região, e também em aulas de arte que se expandem para fora do espaço escolar, para lugares significativos da história local, por meio de diferentes linguagens como a fotografia e o teatro.

Do centro de São Paulo, a Ocupação 9 de Julho foi o objeto de investigação de Gabriel Ussami, revelando as múltiplas ações artísticas e políticas ocorridas entre 2018 e 2023, a fim de tornar o espaço de moradia e convivência um lugar para novas relações, aprendizagens e trocas de experiências. Para o autor, a cidade é um espaço simbólico e pedagógico, que organiza as formas de vida. A Ocupação 9 de Julho apresenta, portanto, formas alternativas de produção de sentido e resistência urbana, amparadas na coletividade que participa ativamente e cria outras formas de relacionamento, para além do mundo do consumo e do capital.

O número temático integra ainda duas entrevistas bastante distintas, entretanto, ambas nos colocam diante de personagens que nos trazem a imbricação entre vida, arte, atuação pedagógica e pensamento político.

A entrevista de autoria de Amanda Amaral trouxe-nos a obra e a personalidade do poeta e professor Farid Matuk. Amaral situa a poesia como “epistemologia insurgente” contra violências simbólicas e materiais. Refletindo sobre a decolonialidade na poesia, a entrevistadora recorre a Homi Bhabha (1994), ressaltando a transitorialidade do eu poético fragmentado e plurilíngue, que carrega traços da cultura de origem, suas perdas e reconstruções.

A *Biblioteca 1oPadronizada*, de Angola, e o seu principal mentor, Francisco Mapanda, também conhecido como Dago Nível Intelecto, nos foram dados a conhecer na entrevista conduzida por Tom Stennett. A foto da capa deste número, da autoria do fotógrafo angolano Magno Daniel, apresenta-nos a biblioteca por meio da metáfora visual das grades. A *1oPadronizada* possibilita acesso aos livros e à leitura a qualquer pessoa interessada, além de programações com debates e shows musicais, num espaço que poderia se julgar, a princípio, improvável para tais ações, uma vez que está situado embaixo de uma passagem pedonal e, ao mesmo tempo, entre uma via rápida e a estrada de ferro. Apesar de todos os feitos, com frequência, a *Biblioteca 1oPadronizada* se vê aprisionada, seja pela falta de apoios financeiros regulares, ou ainda pelo constrangimento de obras que se dão sem aviso prévio, da noite para o dia, alterando completamente o seu funcionamento e configuração. A atitude ativista de resistência e cultura desta biblioteca e seus fundadores e gestores têm servido de exemplo a outras iniciativas, empreendidas por diversos atores sociais pela cidade de Luanda.

Ao reunir estas contribuições, o número tem por objetivo ampliar possibilidades de ação, inspirar outras iniciativas e fortalecer práticas que reconhecem a potência das comunidades e de seus saberes. Que cada texto ofereça perspectivas renovadas de reflexão e diálogo, e que os exemplos apresentados contribuam para imaginar práticas mais sensíveis, inclusivas e comprometidas com a vida em comum.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento UID/00736/2025: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida* (P. Dentzien, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)
- Bhabha, H. K. (1994). *The location of culture*. Routledge.
- Bispo dos Santos, A. (2018). Somos da terra. *PISEAGRAMA*, (12), p. 44–51.
- Boal, A. (2009). *A estética do oprimido*. Garamond.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: Lembranças de velhos* (3.ª ed.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1987)
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social*. Ateliê Editorial.
- Bourdieu, P. (2021). *O poder simbólico* (F. Tomaz, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1982)
- Butler, J. (2019). *Vida precária – Os poderes do luto e da violência* (A. Lieber, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 2004)
- Castells, M. (2011). *A sociedade em rede. A era da informação: Economia, sociedade e cultura* (Vol. 1, R. V. Majer, Trad.). Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1999)
- Castro, E. V., & Danowski, D. (2023). *Há mundo por vir?* Antígona. (Trabalho original publicado em 2014)
- Crenshaw, K. W. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139–167.
- Cruz, H. (2021). *Práticas artísticas. Participação e política*. Edições Colibri.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe* (H. R. Candiani, Trad.). Boitempo. (Trabalho original publicado em 1981)
- Fanon, F. (2015). *Os condenados da terra* (A. Massano, Trad.) Letra Livre. (Trabalho original publicado em 1961)
- Fanon, F. (2017). *Pele negra, máscaras brancas* (A. Pomar, Trad.) Letra Livre. (Trabalho original publicado em 1952)
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir* (20.ª ed., R. Ramalhete, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1975)
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido* (84.ª ed.). Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1968)
- Freire, P. (2020). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido* (32.ª ed.). Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1992)
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, (92/93), 69–82.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva* (2.ª ed., B. Sidou, Trad.). Centauro. (Trabalho original publicado em 1950).
- Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? In T. T. Silva (Ed.), *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais* (pp. 103–133). Vozes.

- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (L. R. Sovik, Ed.; A. L. G. Resende, A. C. Escosteguy, C. Alvares, F. Rudiger, & S. Amaral, Trads.). UFMG/Unesco.
- Haraway, D. (2016). Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: Fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica*, 3(5), 139–146.
- hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (M. B. Cipolla, Trad.). Wmf Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1994)
- hooks, b. (2021). *Ensinando comunidade: Uma pedagogia da esperança* (K. Cardoso, Trad.). Elefante. (Trabalho original publicado em 2003)
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil: Ideias para salvar a humanidade*. Companhia das Letras.
- Latour, B. (2014). Para distinguir amigos e inimigos no tempo do antropoceno. *Revista de Antropologia*, 57(1), 11–31. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87702>
- Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2010). *A cultura-mundo. Resposta a uma sociedade desorientada* (V. Silva, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 2008)
- Maffesoli, M. (1984). *A conquista do presente* (A. C. M. Stuckenbuck, Trad.). Rocco. (Trabalho original publicado em 1979)
- Maffesoli, M. (2010). *Saturação* (A. Goldberger, Trad.). Iluminuras. (Trabalho original publicado em 1996)
- Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs*. Grácio. <http://hdl.handle.net/1822/29167>
- Mbembe, A. (2011). *Necropolítica* (E. F. Archambault, Trad.). Editorial Melusina.
- Mignolo, W. D. (2019). A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir. In A. Carneiro (Ed.), *Arte e descolonização*. MASP/Afterall.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Ed.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais* (pp. 117–142). Clacso.
- Ryngaert, P. (1981). *O jogo dramático no meio escolar* (C. Zurbach & M. Guerra, Trads.). Centelha. (Trabalho original publicado em 1977)
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação* (Vol. 1). Instituto Piaget.
- Sousa, J. M. B. F. (2012). *Aqui é o mundo. Teatro e técnicas de expressão* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. RepositórioUM. <http://hdl.handle.net/1822/25423>
- Souza, J. (2021). *Como o racismo criou o Brasil*. Estação Brasil.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* (S. R. G. Almeida, M. P. Feitosa, & A. P. Feitosa, Trads.). UFMG. (Trabalho original publicado em 2009)
- Spolin, V. (2010). *Improvisação para o teatro* (I. D. Koudela & E. J. A. Amos, Trads.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1963)
- Stiegler, B. (2018). *Da miséria simbólica I. A era hiperindustrial* (L. Lima, Trad.). Orfeu Negro. (Trabalho original publicado em 2004)

Comissão Executiva do Plano Nacional das Artes. (2019). *Plano Nacional das Artes – Uma estratégia, um manifesto, 2019–2024*. Ministério da Cultura/Ministério da Educação.

Walsh, C. (2009). *Interculturalidad, estado, sociedad: Luchas (de) coloniales de nuestra época*. Universidad Andina Simón Bolívar/Abya Yala.

Williams, R. (2011). *Cultura e materialismo* (A. Glaser, Trad.). Editora Unesp. (Trabalho original publicado em 1980)

Williams, R. (2015). *Recursos da esperança: Cultura, democracia, socialismo* (N. Fonseca & J. A. Peschanski, Trad.). Editora Unesp. (Trabalho original publicado em 1987)

Xakriabá, C. (2020). Amansar o giz. *PISEAGRAMA*, (14), p. 110–117.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Fabiano Assis da Silva é doutor em Estudos Culturais pela Universidade do Minho e mestre em Comunicação, Arte e Cultura pela mesma universidade. Ator-músico, pesquisador e formador de teatro na comunidade educativa. Fundador, juntamente com Renata Flaiban Zanete, do grupo Rodamoinho Teatro, há 24 anos em atuação. Apresentou-se na China, Itália, França, Portugal e Brasil. Desenvolveu assessoria pedagógica em Arte na produção de material didático para a editora FTD-Brasil (2019). Foi artista residente no Agrupamento de Escolas São Bento, Vizela (2020 a 2025). Professor de teatro no Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio (2025). Encenador do Grupo de Teatro São João Bosco nas montagens *O Encontro* (2021), *A Escuta* (2022), *Eis a Questão* (2023), *Uma Vontade de Ir* (2024) e *Refúgio* (2025). Integrou o Grupo de Inovação Pedagógica Entre Pares (2024/2025) do Ministério da Educação, Portugal. Atualmente desenvolve o projeto *Improviso Teatral* na Universidade do Minho, em parceria com docentes de diferentes cursos e centros de investigação, premiado pelo Centro Idea UMinho – Inovação Pedagógica.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8597-0572>

Email: fabianosilva@ics.uminho.pt

Morada: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Campus de Gualtar – 4710–057, Braga, Portugal

Renata Flaiban Zanete é doutora em Modernidades Comparadas pela Universidade do Minho e mestre em Linguagem e Educação pela Universidade de São Paulo. É atriz, contadora de histórias, escritora, professora e diretora de teatro, formadora de professores, mediadora artística e cultural, além de investigadora filiada ao Centro de Estudos Humanísticos da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho. Por sua tese de doutoramento, recebeu o Prémio Científico Internacional Mário Quartin Graça, em 2024, atribuído pela Casa da América Latina, com sede em Lisboa. Os principais temas e campos de trabalho são: teatro comunitário e participativo, literatura comparada, literatura para a infância e juventude, arte e educação, interculturalidade, estudos culturais, interartes e de gênero. Fundou a Rodamoinho Teatro com Fabiano Assis

da Silva no Brasil, em 2001. Dentre as mais de 18 distinções recebidas ao longo de sua carreira, destacam-se o Prémio Aldónio Gomes, promovido pela Universidade de Aveiro, em 2025, para a narrativa juvenil *Férias de Verão em Águas de Bacalhau*; o Prémio Literário Manuel Laranjeira com o texto dramático *Refúgio*, em 2019, editado pela Urutau (2025). O projeto *Livros e Ação!*, concebido em parceria com a União de Mulheres Alternativa e Resposta de Braga, foi realizado na programação Todo-o-Terreno – Braga 25/Capital Portuguesa da Cultura.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5241-7823>

Email: renaflai@gmail.com

Morada: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Campus de Gualtar – 4710–057, Braga, Portugal

Sumaya Mattar é mestre e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Desde 2008, é docente da Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade, onde leciona, orienta pesquisas e desenvolve projetos de extensão. Sua trajetória acadêmica e profissional se construiu na interseção entre Arte e Educação, abrangendo Artes Visuais, Artes Cênicas, Pedagogia, Psicanálise e Filosofia. Integra os Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais e em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades. É líder do Grupo Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas em Arte e Educação (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), espaço de estudos, reflexão e criação coletiva. Sua experiência na educação básica como professora e coordenadora pedagógica segue viva na formação docente, tanto na universidade quanto em cursos de extensão que coordena. Seus interesses de pesquisa e atuação abrangem arte, educação, memória, processos de criação e subjetivação, com foco na formação docente, cartografias, história oral, narrativas biográficas, antirracismo, processos identitários, cerâmica, meios, processos e pedagogias artesanais. Organizou várias publicações e é autora do livro *Sobre Arte e Educação: Entre a Oficina Artesanal e a Sala de Aula* (Papiro). Produziu o documentário *Shoko: Expressão do Cosmos*, sobre a ceramista Shoko Suzuki, sua mestra. Suas publicações podem ser encontradas no Portal GMEPAE, no Portal de Livros Abertos da USP, na Biblioteca de Teses e Dissertações da USP, no Canal do GMEPAE no Youtube e em plataformas acadêmicas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2711-2059>

Email: sumayamattar@usp.br

Morada: Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – Av. Prof. Lício Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária – CEP 05508–020, São Paulo, Brasil



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.